

PESTES

NA

ANTIGUIDADE

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

Whatsapp Central de Ensinos Bíblicos com áudios, palestras e textos do Escriba de Cristo

Grupo de estudo no whatsapp

55 13 996220766 com o Escriba de Cristo

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo, Central de Ensinos Bíblicos
1969 –*

Pestes na Antiguidade

*Itariri/SP, Amazon.com
Bibliomundi, Amazon.com, 2021, 111 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798746063304 Edição 1º

1. Pestes 2. Doenças 3. Epidemias
4. Peste bubônica 5. Febre tifo 6. Coronavírus

CDD 616

CDU 616

INTRODUÇÃO

Este livro é baseado nos estudos de Stefan Cunha Ujvari na sua pesquisa de história e suas epidemias. A humanidade foi criada perfeita por Deus, mas com a introdução do pecado, nossa espécie sofreu uma decadência na nossa natureza e passamos a ficar suscetíveis a infinitas doenças provocadas por microorganismos. Fungos, bactérias e vírus estão em nosso corpo desde a nossa formação embrionária e a medida que vamos crescendo e vivendo, esta convivência dentro de nós pode sofrer desarmonia e assim ficamos doentes. Neste tratado das PESTES NA ANTIGUIDADE iremos fazer uma reflexão histórica das doenças que mais assolaram a humanidade. As mais antigas só podemos inferir que doenças foram devido os sintomas, mas em síntese a humanidade padeceu com viroses, malária, lepra, peste bubônica, febre tifo e suor inglês até que cheguemos em tempos modernos.

Esta obra abordar como foi a história destas doenças e como elas destruíram civilizações, decidiram o destino de muitas guerras, e ceifaram incontáveis vidas durante o transcorrer da existência humana na terra. No desespero de deter a doença e a morte, os homens criaram a medicina, a ciência que tenta evitar o inevitável, a morte. Mas não conseguindo impedir a morte, a medicina tem ao longo dos séculos desenvolvido tratamentos, e remédios para curar, aliviar e dar qualidade de vida aos pacientes.

VIROSE

Quando um de nossos filhos começa a apresentar febre, já sabemos que deve estar se manifestando nele um processo infeccioso, geralmente uma das famosas viroses de que os médicos falam. Mas a interpretação da febre pelas primeiras civilizações nascidas nas margens férteis dos principais rios era bem diferente, e foi necessário um árduo percurso até que se chegasse ao termo "virose". Os povos antigos acreditavam que os fenômenos da natureza, assim como as infecções, fossem obras de forças divinas, representadas pelas mais diferentes entidades dependendo da civilização em questão. Seus líderes e muitas famílias das diversas dinastias desses povos eram representantes das entidades divinas, e admirados e respeitados por isso.

(Deus ou demônios podem disseminar uma virose em determinada região e época. Agentes sobrenaturais e virose não se aniquilam e nem se opõem um conceito ao outro, mas se completam. Deus determina uma praga e a ferramenta para este castigo é por exemplo, uma virose.)

EPIDEMIA EM JERUSALÉM

As doenças infecciosas eram enviadas por Deus como ação benéfica. No final do século VIII a.C., Ezequias, rei de Judá, reconheceu a doença à defesa divina de Jerusalém. O exército assírio sitiou a cidade e ia invadi-la, mas uma epidemia virulenta acometeu seu acampamento, que não apresentava boas condições higiênicas, assim favorecendo a contaminação e a disseminação da doença. Em pouco tempo, aumentou o

número de cadáveres de assírios. A Bíblia relata como obra do Senhor o extermínio de mais de cem mil inimigos de Jerusalém.

(Assim um vírus ou uma virose pode estar cumprindo um designo divino.)

DEUS GREGO DA MEDICINA

O povo grego, o que mais influenciou a cultura ocidental, acreditava que as doenças eram enviadas pelo deus Apolo. A guarda de Asclépio, filho de Apolo com a mortal Coronis, foi dada ao centauro Quíron, de quem obteve grande conhecimento sobre o poder das plantas medicinais. Se a doença infecciosa era enviada por um deus, nada mais cabível para a cura do que recorrer a um mito. Assim nasceu o mito segundo o qual Asclépio detinha a arte da cura das doenças. O culto a Asclépio iniciou-se no século VI a.C., na Tessália, e permaneceu por quase mil anos com a construção de mais de duzentos templos. No altar, sua figura era representada tendo nas mãos um bastão ao qual se enrolava uma serpente.

Os doentes que se dirigiam a esses templos eram acomodados nos pavilhões e se purificavam por meio do jejum, banhos e óleos passados na pele. Posteriormente, adormeciam e tinham a chance da cura pelo sono, no qual recebiam entidades que os curavam ou os orientavam sobre procedimentos terapêuticos. Dessa forma, as doenças infecciosas eram encaminhadas ao poder de Asclépio; e a morte dos doentes tinha como explicação não uma bactéria, mas o fato de eles não terem se purificado adequadamente ou de serem

incuráveis.^{3} Entre os muitos templos erigidos a Asclépio, um dos mais famosos foi o de Epidauro, local em que, acredita-se, passou sua infância ou estava seu sepulcro. Após o apogeu no século III a.C., esses templos foram fechados por uma bula do Imperador Constantino, já no Império Romano, em 335 d.C.

(Não se pode jogar na vala de que a cura antiga era baseada na mitologia e hoje na razão e ciência. Muitos pacientes submetidos aos mesmos tratamentos tem fins diversos. Uns morrem e outros se recuperam plenamente. É orgulho dos ateus se acharem “homens da ciência” e que os religiosos são supersticiosos. Como se eles tivessem respostas para tudo. Tanto não tem que médico erra mais que mecânico em diagnóstico. As pessoas costumam consultar mais de uma opinião médica diante de certos diagnósticos.)

Asclépio tinha duas filhas: Higéia, responsável pela manutenção e restauração da saúde dos doentes, que deu origem à palavra higiene; e Panacéia, responsável pelo conjunto das substâncias empregadas para a cura de enfermos. Enquanto várias pessoas com infecção se aglomeravam nos templos, era plantada a primeira semente para entender as doenças infecciosas de modo mais racional.

O percurso para alcançar a compreensão que hoje se tem das infecções foi longo e árduo. Envolveu o avanço do pensamento científico e medidas do poder público para sanear ambientes naturais não propícios ao estabelecimento dos homens e também para promover a

higiene como hábito coletivo. Um dos primeiros passos foi dado na Grécia Antiga com o nascimento da filosofia.

(O paradoxo da higiene dá um nó na ciência, quando pessoas mais expostas aos vírus e bactérias muitas vezes desenvolvem mais resistência e imunidade do que aqueles que se cercam de muita higiene e desinfecção.)

TALES DE MILETO

Na costa da atual Turquia, uma cidade grega se destacava como centro econômico com crescimento potencial: Mileto. Foi nela que, no século VI a.C., floresceu uma força cultural e surgiram os primeiros grandes pensadores que começaram a interpretar a natureza em termos naturais. Entre esses pensadores estava Tales, considerado um dos primeiros revolucionários de sua época. Ele influenciou os demais pensadores daquele tempo com suas teorias desvinculadas dos mitos e crenças.

Em 585 a.C., Tales, por meio do conhecimento adquirido em observações e do emprego da razão, previu a ocorrência de um eclipse solar. Foi o primeiro a tentar entender o mundo natural, que postulou ser constituído de água em diversas formas. Várias observações contribuíram para a sua teoria: a água transformava-se em pedra nas baixas temperaturas e em vapor nas temperaturas elevadas, as plantas cresciam ao receber água das chuvas e todos os seres vivos necessitavam ingerir água para viver. Tales deixou discípulos que perpetuaram sua escola. A escola de Mileto, fundamental

para a formação da filosofia ocidental, foi destruída em 494 a.C. quando o Império Persa, em expansão no Oriente, conquistou a cidade, berço da filosofia. Mas as portas para o desenvolvimento da razão estavam abertas e iniciava-se o processo que continua até hoje.

Outros homens de diversas comunidades gregas perpetuaram as bases dessa razão, e alguns conhecemos dos estudos escolares, como Pitágoras. Vários também fizeram sua história naquele tempo áureo da filosofia: Anaximandro, Anaximenes, Parmênides, Empédocles. Foi assim que os habitantes gregos privilegiados receberam cada vez mais informações dos filósofos emergentes com suas teorias, ou melhor, com seu pensamento. A cultura humana florescia com os debates e discussões dos gregos.

HIPÓCRATES, PAI DA MEDICINA

A Grécia conheceu, no século V a.C., os escritos de um médico que influenciaria não só os anos seguintes, mas os próximos séculos. Ele ficou conhecido como "o pai da medicina", Hipócrates. Nascido na ilha de Cós, por volta do ano de 460 a.C., Hipócrates contribuiu para desvincular as causas das doenças das explicações dos deuses. Seus trabalhos, escritos em dialeto jônico, foram reunidos na era de ouro da Biblioteca de Alexandria e constituem o Corpus hippocraticus. Acredita-se que muitas das obras do Corpus não foram escritas por Hipócrates, mas por médicos sucessores, em épocas distintas.

Ele difundiu a teoria de que as doenças são ocasionadas pela natureza e que seus sintomas são uma

reação do organismo. De acordo com esse raciocínio, há no corpo quatro tipos de elementos líquidos, os humores: a bile amarela, produzida no fígado; a bile negra, originada no estômago e no baço; o sangue e a pituíta, esta proveniente do cérebro. O organismo seria sadio se esses quatro elementos estivessem distribuídos de maneira proporcional; se houvesse excesso ou falta de um deles, contrairia doenças. A distribuição desses humores também influenciaria alterações no comportamento da pessoa; daí, as expressões "bem-humorado" e "mal-humorado". Como na evolução de cura o excesso do humor responsável pela doença era eliminado, Hipócrates achava fundamental examinarem-se as substâncias que são eliminadas, como a urina, o escarro, o sangue, o vômito, as fezes e o suor.

Na sua proposta de tratamento, o médico apenas auxiliaria a natureza a curar o paciente com recomendações de uma dieta adequada, responsável pela produção dos humores, e orientações sobre ginásticas, massagens, banhos e substâncias que ajudassem na eliminação do excesso desses líquidos, como as que provocam diarreia ou vômito. Hipócrates escreveu sobre as epidemias e atribuiu às alterações climáticas, ventos e frio a responsabilidade pelo aparecimento de determinadas infecções. Quando nossos pais nos mandavam sair do vento frio para não pegarmos gripe, usavam postulados de 1.500 anos atrás. A água de regiões insalubres de pântanos também ocasionava diarreias e a famosa febre quartã (malária). Hipócrates postulou que tais doenças vinham dessas áreas e que, portanto, se devia evitar a moradia em locais alagados e pantanosos. A relação que ele estabeleceu entre a

estagnação e a doença foi oportuna para a prevenção das moléstias.

Hipócrates não tinha condição de visualizar as bactérias que provocavam a diarreia nem o agente causador da malária, que habitava os mosquitos dos terrenos alagados; entretanto, sua conclusão foi de grande auxílio para os médicos da época. Começaram a ser interpretados os efeitos que o meio ambiente — antes despercebidos — causava ao organismo humano.

Hipócrates valeu-se da palavra epidemia para denominar as doenças febris explosivas numa população. Epidemos era um termo empregado pelos gregos em referência aos indivíduos que não moravam nas cidades, mas que simplesmente permaneciam algum tempo e depois partiam. Os habitantes, por sua vez, eram endemos. O médico comparou as doenças infecciosas de aparecimento súbito e em larga escala populacional com epidemias porque elas não eram da região e iam embora.

No seu livro sobre as epidemias, Hipócrates documenta a que ocorreu na cidade portuária do mar de Mármara, próximo a Istambul. Ele descreve sintomas de tosse, angina e pneumonia, que podem ter sido causados pelo vírus da gripe ou pela difteria. O tratamento que prescrevia, na intenção de eliminar o humor em excesso no organismo, tinha por alvo as substâncias causadoras de diarreia ou vômito, e pela mesma razão começaram a ser empregadas na medicina romana as sangrias para a eliminação do humor sangue. Esse tratamento, amplamente utilizado pelos médicos ao longo da História no combate às doenças infecciosas, foi mantido praticamente até o século passado. E, com certeza,

agravou o estado de muitos pacientes portadores de processos infecciosos.

PREVENINDO EPIDEMIAS

A crença na origem divina das doenças e epidemias não impediria que povos da Antigüidade, como os etruscos, já expressassem em sua cultura cuidados com a higiene e o saneamento. Desde a época dos etruscos, primeiros habitantes da Península Itálica, a importância dada à saúde pública aparecia com a realização da drenagem dos pântanos e o suprimento de água limpa e potável. Os pântanos eram relacionados ao surgimento de doenças infecciosas, as famosas febres, o que os tornava localidades pestilenciais.

(É preciso que fique claro que nem tudo em termos de doenças era coisa do demônio ou castigo divino, basta um conhecimento superficial sobre a Lei de Moisés no Pentateuco para ficar claro que Deus instituiu diversas leis de higiene para que o povo de Israel pudesse ficar puro de doenças. Lavar as mãos, enterrar as fezes, pintar de cal as paredes, evitar o mofo e inúmeras outras leis divinas eram para garantir a saúde pública.)

MALÁRIA

Evitavam-se construções de cidades próximas a esses locais e, posteriormente, iniciaram-se a drenagem e o aterro dos pântanos ao redor das cidades.

Naquela época, ao longo da costa do Mediterrâneo, existia a malária, responsável pelas febres originárias dos pântanos. O parasita que causa a malária reproduz-se em mosquitos, e o homem a adquire ao ser picado por esses insetos, que inoculam o agente no sangue. Como o mosquito prolifera em regiões alagadas, a doença era muito comum em tais locais e nos pântanos. Após a drenagem ou aterro de uma área alagada, eliminavam-se os reservatórios de água parada, lugares de reprodução dos mosquitos. Uma das primeiras observações era a de que as febres, comuns nessas regiões, terminavam. Jamais se relacionou o aterro ou a drenagem à extinção dos mosquitos, mas sim ao fim do odor desagradável que a região apresentava, ou seja, ao "mau ar" que provocava as febres. Isso deu origem ao nome das febres: malária ("mau ar").

Para os habitantes da Roma imperial era indiscutível que as febres desapareciam graças às medidas destinadas a evitar o mau ar dos pântanos.

HIGIENE EM ROMA

Essa relação de causa e efeito reforçava, culturalmente, a importância de água limpa e higiene para a população. As ruas eram limpas sob fiscalização, cabendo aos moradores a responsabilidade de remover as sujeiras ali encontradas. Os mercados eram vigiados, incluindo os bens de consumo. Alimentos também passavam por rigorosa inspeção, o que evitava a compra

de produtos estragados e contaminados. Os funerais eram proibidos dentro da cidade, restringindo-se às localidades além de seus muros, comuns na Via Ápia. Posteriormente, passou-se ao hábito da cremação.

A importância de consumir água potável obtida em poços surgiu nessa época remota, em que se evitava a ingestão da água do rio Tibre e se construiu o primeiro aqueduto — Água Ápia — no final do século IV a.C., obra do censor Ápio Cláudio Crasso. Cinqüenta anos depois, foi necessária a edificação de um segundo aqueduto, Água Anio. Com o constante desenvolvimento da cidade, o número de aquedutos cresceu: foi erguido o Água Márcia, no século II a.C.; e os aquedutos Júlia, Augusto e Virgo, no tempo do Imperador Augusto. O Água Márcia fornecia água limpa retirada a 37km da cidade. Foram construídos 14 aquedutos que forneciam água limpa e potável para a população. No percurso dessas construções, havia bacias que funcionavam como piscinas para a sedimentação das impurezas, o que tornava a água ainda mais limpa. A população romana recebia quarenta milhões de galões de água por dia, cerca de quarenta galões por pessoa.

Além de dispor de água limpa para consumo, Roma tinha uma rede eficaz de esgotos. Existiam mais de 150 latrinas públicas em toda a cidade, que encaminhavam adequadamente os dejetos para um sistema de esgoto subterrâneo, e a Cloaca Máxima foi o maior exemplo disso visto até hoje.{4}

Todos sabemos que, ao surgirem os primeiros sintomas de diarreia, tentamos nos lembrar de alguma comida suspeita ou de água contaminada que tenhamos ingerido. As bactérias causadoras de diarreia entram no

organismo desse modo, e os romanos correram um risco muito pequeno de enfrentar epidemias desse mal. Mesmo desconhecendo as bactérias, eles construíram uma rede de abastecimento de água potável e um sistema de esgotos responsável pela profilaxia de diarreias.

E curioso que esse sistema eficaz tenha sido construído há dois mil anos em Roma e, após a decadência do Império, não tenha sido adotado nos séculos seguintes, mas apenas no século XIX. Pelo contrário, as cidades medievais não dispunham de sistemas de esgotos, os dejetos acumulavam-se próximo aos muros e fluíam para os rios, de onde a população muitas vezes retirava a água que ingeria.

A cultura do Império Romano instituiu o hábito e o prazer do banho. A quantidade de termas aumentou naquele período. Os habitantes pagavam a entrada e passavam horas desfrutando dos banhos quentes e frios. No tempo do Imperador Diocleciano, estima-se que havia mais de oitocentas casas para banho.^{5} Desde pequenos, somos orientados sobre a importância de lavar as mãos antes das refeições e tomar banhos diários. A higiene constante das regiões íntimas diminui a contaminação das mãos com bactérias fecais, o que evita diarreias. Assim, o hábito do banho também contribuiu para a prevenção de diversas infecções.

Além disso, dificultava as infestações por piolhos e, com isso, prevenia-se o tifo.

PROVOCANDO EPIDEMIAS - GRÉCIA

Na história da humanidade, as medidas que procuram evitar as doenças convivem com outras que são responsáveis por seu surgimento. Mais que hoje, na

Antigüidade, as guerras e as destruições foram fatores de expansão de epidemias.

No começo do século V a.C., a Grécia viu-se ameaçada de invasão pelo Império Persa, na Ásia Menor. Esse império tornara-se uma potência no final do século VI a.C., estendendo suas fronteiras da Índia ao Egito e aproximando-se da conquista da Grécia. Em 490 a.C., as forças persas atravessaram o mar Egeu, dando início às guerras médicas, que envolveram as cidades-estado gregas; estas teriam de unir forças contra o inimigo. A população de Atenas partiu para o confronto com persas numa batalha terrestre que ficou conhecida como Maratona. Mesmo sem a chegada da ajuda solicitada à cidade de Esparta e mesmo não sendo eficaz em guerras terrestres, Atenas acabou por derrotar os persas. Mal acabara a primeira guerra médica, os persas reuniram forças para um novo ataque. Comandados por Xerxes, fizeram em 480 a.C. uma investida maior contra a Grécia, o que obrigou novamente as cidades-estado a se organizarem.

Depois das primeiras batalhas de Termópilas e Salamina, Xerxes manteve o exército persa na região da Tessália. A fome castigou os acampamentos militares, os persas sentiam os sinais de sua fraqueza, e, segundo relatos talvez exagerados, comiam grama, capim, folhas e cascas de árvore para que pudessem sobreviver.

O caos se instalou com o surgimento de uma epidemia de disenteria nos acampamentos militares improvisados. A contaminação das águas de riachos e lagoas favoreceu a disseminação da doença, que matou muitos guerreiros persas.

A bactéria causadora da infecção intestinal era eliminada pela diarreia no meio ambiente, contaminava a água e os alimentos ingeridos pelo exército, fazendo com que a doença se alastrasse. O contato de pés e mãos com objetos ou substâncias contaminadas pelas bactérias e o contato dessas mãos com as de outros guerreiros e com os alimentos levados à boca provocavam a diarreia geral.^{6} O debilitado exército persa foi derrotado em Platéias, e a Grécia livrou-se dessa ameaça. A epidemia, conhecida como a "peste de Xerxes", foi descrita pelo historiador grego Heródoto (484—420 a.C.), considerado o "pai da História". Dessa vez, as cidades gregas contaram com a ajuda das doenças infecciosas para a defesa de seu território.

(Na pandemia do covid-19 acho que houve um grave erro de tentar isolar as pessoas sadias e contaminadas indiscriminadamente. Na verdade se confinou pessoas para que facilitasse o contágio. Pandemia de respeito, ela altera o gráfico populacional... Ela altera os quadros a ponto de debilitar em termos numéricos um povo e até seus exércitos, como vimos ocorrer no exemplo acima com os persas e com a cidade-Estado de Atenas.)

Como decorrência das guerras médicas, as cidades-estado formaram uma associação com a finalidade de acumular fundos para a defesa contra ataques persas. Criada na ilha de Delos, a entidade ficou conhecida como a Liga de Delos. As cidades contribuíam fornecendo navios ou dinheiro. Como Atenas foi a principal responsável pela defesa da Grécia, coube-lhe a

administração dos fundos da liga, o que a fortaleceu e lhe proporcionou maior poderio nos anos futuros. A Liga de Delos transformou-se no Império de Atenas — a cidade obtinha recursos para interesses próprios e ampliava sua frota naval.

O apogeu do Império Ateniense deu-se no período de comando do General Péricles (495-429 a.C.), por mais de trinta anos. Foi reconstruída a acrópole e iniciaram-se edificações grandiosas, como o Partenon, ginásios, teatros, estátuas e templos. A cidade conheceu seu esplendor cultural e intelectual. Os habitantes de Atenas usufruíam os benefícios do crescimento econômico, social e cultural.

As crianças eram encaminhadas ao ensino com sete anos de idade, aprendiam a ler e a escrever — condição básica numa cidade democrática que afixava em sua ágora as leis e notícias políticas. A música era ensinada na lira, e a educação física era praticada com corridas, saltos, arremesso de dardo e disco, boxe e luta livre.

Com o passar do tempo, multiplicaram-se os professores particulares, os sofistas, que ensinavam todas as matérias para os alunos mais abastados, desde astronomia e direito até matemática e retórica. Posteriormente, esses mestres foram acusados de charlatanismo, falsidade e de exercerem influência maléfica sobre os jovens; assim, o termo "sofista" tornou-se pejorativo. A cultura aflorava nas diversas partes da cidade, com uma nunca vista profusão de escultores, arquitetos e poetas; em diversos locais, se reuniam grupos de cidadãos para debates e discursos sobre muitos assuntos.

De tempos em tempos, pessoas se dirigiam à colina a sudoeste da ágora, local de assembléias, para tomar decisões políticas após a exposição dos oradores que se candidatavam a falar. Nesse ambiente democrático, Sócrates já circulava pelas ruas debatendo com os jovens, o que acabaria sendo interpretado como influência negativa e corruptora e levaria à condenação do filósofo à morte. O porto do Pireu transformou-se no centro comercial da parte oriental do Mediterrâneo. Por ele entravam e saíam todas as mercadorias de Atenas. Chegavam o trigo e a cevada importados para sustentar a população cada vez maior, a madeira usada na construção de seu poderio naval de trirremes — tanto comercial como militar — e escravos provenientes da Trácia e da Ásia Menor.

Logo após as guerras médicas, uma das primeiras construções feitas pelos atenienses foi o muro que protegia a cidade e se estendia até o porto em Pireu.

Essa construção desencadeou um descontentamento em Esparta, a segunda maior cidade-estado da Grécia, que atribuiu a obra ao interesse individual de Atenas e a considerou uma atitude ostensiva em relação às demais cidades. Esse estremecimento das relações entre Atenas e Esparta se agravava à medida que Atenas progredia e se destacava com seu império.

Esparta retirou-se da Liga de Delos, por motivos competitivos, e estabeleceu uma aliança com as cidades do Peloponeso. A Liga do Peloponeso organizou uma investida contra a hegemonia de Atenas, desencadeando as Guerras do Peloponeso, em 464 e 431 a.C. Foi durante a segunda Guerra do Peloponeso, no ataque dos aliados dos espartanos, que Péricles reuniu em Atenas a